

Resenha
Book review

A inibição intelectual na Psicanálise

The intellectual inhibition on Psychoanalysis

Margarete Parreira Miranda¹

SANTIAGO, Ana Lydía. *A inibição intelectual na psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.

A psicanalista Ana Lydía Santiago propôs-se a escrever esse trabalho – que se originou de sua tese de doutorado – pelas inquietações que as demandas escolares lhe provocavam, desde o início de suas atividades profissionais. Eram sempre demandas de tratamento analítico para crianças com dificuldades de aprendizagem e adaptação. A autora se dispôs a ir além dos diagnósticos e a elaborar uma proposta de intervenção terapêutica que levasse em conta a subjetividade do aluno.

Adotando essa concepção, aliou a psicanálise à educação, destacando o problema do fracasso escolar como algo que necessita ser tratado, e não apenas detectado. O primeiro desafio foi buscar a abordagem psicanalítica para investigar o sintoma contemporâneo da inibição intelectual expresso nos impasses do ser falante com a aprendizagem escolar, preservando os conceitos da psicanálise como ciência do particular.

A autora critica a análise feita dos problemas escolares que, sustentando-se no discurso da ciência, fixa os “fracassados” na posição de objeto do conhecimento, por meio de diagnósticos prescritores de um déficit. As crianças são marcadas por significantes que segregam em nome da verdade, respondendo sob forma de sintomas que nomeiam o fracasso, como dislexia, disortografia, lentidão do pensamento, distúrbios de memória, debilidade na aquisição do saber, hiperatividade. Santiago aposta na premissa de que o discurso analítico possa gerar outra resposta sobre esses problemas, fazendo contraponto ao silêncio a que foi confinada a subjetividade dos que fracassam na escola.

¹ Psicóloga da Prefeitura Municipal de Belo Horizonte. Email: margareteiranda@hotmail.com

Sustenta que existe uma hiância entre o saber pedagógico e o psicológico, em que tanto falham os recursos pedagógicos quanto os instrumentos médico-psicológicos, abrindo-se a chance para que o discurso analítico se faça presente, por meio da consideração da expressão das dificuldades escolares como efeitos de linguagem. Para que isso ocorra, é preciso que o analista saiba acolher e manejar a especificidade da demanda sobre as dificuldades de aprendizagem, transformando o que vem carregado de sentido em enigma, entendendo ser o sintoma algo do processo particular do sujeito.

Santiago propõe uma ação interdisciplinar por meio do diagnóstico clínico-pedagógico, considerando importante a realização de um diagnóstico pedagógico antes da investigação analítica, com o objetivo de se esclarecer o processo da criança frente aos mecanismos próprios da aquisição do conhecimento. O método inspirado na clínica psicanalítica vai interrogar a criança sobre sua dificuldade assim como se interroga alguém a respeito de seu sintoma. Ao se escutar a criança, leva-se em consideração o que o sujeito sabe a respeito do que lhe acontece, buscando-se não apenas a elucidação de elementos de sua subjetividade ou de sentido inconsciente, mas também a aplicação de um método de intervenção reeducativo particularizado. A autora traz em seu livro três estudos de caso – “Caso Pedro”, “Caso Alice” e “Caso Laura” –, nos quais se confirma a importância da introdução de elementos subjetivos trazidos pelas crianças como método de intervenção para superação de suas dificuldades escolares.

Outro aspecto importante da obra é o levantamento histórico do conceito de debilidade mental trazido pela autora, demarcando que, se os problemas relativos às limitações das atividades intelectuais tiveram sua origem no campo do saber psiquiátrico, foi no âmbito educacional, no entanto, que o conceito de debilidade ganhou o estatuto de mental, impondo-se como forma de diagnóstico para os problemas de aprendizagem. A pedagogia aliada à psiquiatria – a pedopsiquiatria – tratou de buscar formas de recuperar os “débeis” recorrendo a uma educação especial, não demorando muito para que surgissem os instrumentos de medida intelectual – a psicométria –, que tiveram em Alfred Binet seu iniciador, por meio da idealização dos testes de Q.I.

As diversas iniciativas que se seguiram para abordar o tema da debilidade sob essa mesma ótica traziam em seu seio o caráter segregador, pela busca de adequação intelectual do indivíduo a um espectro ideal de normalidade desejada. Santiago argumenta que o parâmetro de normalidade

se constitui em um saber externo ao sujeito, incompatível, portanto, com a perspectiva clínica que centra sua ética na consideração dos elementos próprios ao sujeito para o entendimento dos fenômenos sintomáticos. "A psicométrica consolida a debilidade, dando-lhe a qualificação de mental". (Santiago, 2005, p. 17)

A autora resgata o histórico da teoria psicanalítica para situar com Melanie Klein, no início da década de 1930, que a psicanálise pôde tratar diretamente dos sintomas na esfera intelectual. Para Klein, o mecanismo da inibição é tomado como defesa, ganhando caráter patológico quando impede totalmente uma atividade de ser sublimada. Essa autora faz referência a tratamentos de crianças com queixas escolares, cujas dificuldades se destacam na esfera da aprendizagem, considerando que a cura definitiva das inibições intelectuais ocorreria pelo processo de deciframento que se realiza sobre os conteúdos psíquicos que causaram essas inibições. Melanie Klein enfoca o simbolismo dos estágios pré-genitais e as relações de objeto, em sua prática com crianças, propondo o desvelamento do sentido inconsciente de tais objetos, por meio da técnica da interpretação, estabelecendo uma equivalência entre objetos da vida real e objetos da vida psíquica. Essa autora foi criticada por ultrapassar o limite daquilo que a criança pode observar em sua vida cotidiana.

Santiago afirma que o deciframento realizado por Klein se afasta definitivamente do deciframento simbólico proposto por Freud. Para ela, não parece possível situar as construções teórico-clínicas de Melanie Klein sem promover uma elucidação das construções freudianas sobre as teorias das pulsões e da sexualidade infantil. É esse o caminho que a autora faz em seu livro, trazendo aspectos importantes da inibição do pensamento e do conceito de debilidade em Klein, Freud, Maud Manoni e Lacan.

Ao promover um estudo do conceito de inibição, Santiago esclarece o caminho da formulação desse conceito freudiano, localizando o uso do termo junto ao próprio nascimento da psicanálise. O que Freud traz de inédito é a consideração do aspecto ativo do conceito que intervém em um processo de retraimento acionado pelo próprio sujeito, tendo em vista o aspecto econômico da vida mental. O mecanismo inibitório teria inicialmente duas funções: orientar a pulsão sexual com o objetivo de distinguir a fantasia da realidade e regular os excessos de excitação sexual. Segundo a autora, o aspecto da inibição como renúncia de gozo constitui o eixo central da investigação clínica da inibição.

Para Santiago, ao trabalhar a investigação sexual infantil, Freud localiza o período por volta do sexto ano de vida da criança quando, após a incidência do recalçamento sobre a pulsão sexual, ela pode encontrar três destinos:

- 1) a inibição do pensamento;
- 2) a compulsão neurótica para pensar;
- 3) a sublimação.

O que caracterizaria então a inibição neurótica seria o fato de “a avidez de saber permanecer inibida e a livre atividade intelectual limitada”. A inibição intelectual da criança, quando é reforçada pelo meio (pais, educação, religião) afeta significativamente o sujeito, colocando-o no patamar dos portadores de “debilidade de pensamento”. A autora chama a atenção para os “famosos casos de fracasso escolar”, nos quais é possível identificar diferentes maneiras de renúncia ao trabalho intelectual.

Ao ser constatado esse tipo de impedimento para usufruir o produto do trabalho, ela afirma que seria o caso de se investigar, então, por que caminhos a pulsão sexual foi orientada. Tendo em vista a permanente busca de satisfação do sujeito, um suposto fracasso (do sujeito) só pode estar ligado a outro modo de satisfação, como um tipo de autopunição. A autora se interroga sobre qual seria esse modo particular de satisfação que acompanha as formas de inibição intelectual.

Santiago destaca, no entanto, que a primeira elaboração que buscou incluir o sujeito do desejo no diagnóstico da debilidade encontrou seu início na década de 1960, na tese de Maud Manoni, que trouxe a explicação para a relação débil do sujeito com o saber, a partir da fusão de corpos entre mãe e filho, devido a perturbações ocorridas no processo de alienação e separação desses dois sujeitos.

Em Lacan, a autora esclarece que vemos o psicanalista encarar a questão da inibição do pensamento pela via da constituição do sujeito, caracterizando-a como efeito da estrutura do ser falante, tratando a debilidade como algo inerente à própria organização dos objetos pulsionais. Ele toma esse conceito como um mal-estar fundamental do sujeito, em relação ao saber, em uma estratégia de denegação da castração simbólica. Seria uma tomada de posição do sujeito em relação à problemática da demanda do Outro, e a inibição do pensamento, então, estaria ligada ao ato, obturando o espaço onde apareceria o desejo.

Existe, para Lacan, uma decisão implacável do sujeito em desconhecer a castração simbólica, ao preço de não agir segundo seu desejo. Na segunda clínica, Lacan ressalta a dimensão do real, em detrimento da cadeia simbólica e das incidências imaginárias, e a resistência própria do registro do real que é uma instância psíquica a qualquer tipo de simbolização. Nessa perspectiva lacaniana, Santiago chama a atenção para o fato de que na debilidade não há desaparecimento do sujeito, mas sim uma submissão ao Outro que o impede de existir como desejante.

Os fenômenos resultantes dessa posição do débil submisso à identificação da falta do Outro podem ser constatados no discurso do sujeito, que o leva, segundo Santiago, a repetir de modo caricatural o dizer dos outros quando se trata de falar de si. Observa-se também uma decisão explícita do débil de não se incluir na dimensão da metáfora, refazendo seus ditos a cada vez que algo criativo aparece em seu dizer.

Para finalizar, cabe ressaltar dois pontos importantes que a obra de Ana Lydia Santiago traz como contribuição para os educadores e para a aplicação da psicanálise à educação. O primeiro, de cunho teórico-elucidativo, é o fato de a autora esclarecer o conceito de debilidade mental associado às inibições do pensamento e apontar referentes fundamentais para os que estão na contracorrente dos modelos que estigmatizam e fixam muitas crianças consideradas "alunos-problema".

O segundo ponto é a apresentação de uma proposta clara de intervenção, por meio do diagnóstico clínico-pedagógico, que se daria pela relação interdisciplinar. A autora defende que sejam retiradas do confinamento silencioso crianças diagnosticadas por meio de instrumentos exteriores a elas, e que sejam colocadas em situação de dizerem sobre as próprias dificuldades para o profissional que se disponibilize a escutá-las.

Recebido: 02/10/05

Aprovado: 02/12/05